O CAMINHO PARA SER O MAIOR EXPORTADOR MUNDIAL DE ALGODÃO

JÚLIO CÉZAR BUSATO
Produtor rural
Da Redação

AS ELEIÇÕES para a presidência da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), desde a sua criação, em 1999, seguem uma linha sucessória preestabelecida na composição da Diretoria. Esse modelo permite saber, com antecedência e a longo prazo, quem são os próximos presidentes. No exercício do cargo da presidência da entidade durante o biênio 2021-2022, Júlio Cézar Busato traçou uma análise tendo quatro frentes de trabalho colocadas como prioritárias: qualidade, rastreabilidade, sustentabilidade e relações institucionais.

AGROANALYSIS: QUAL É O RESULTADO DA PRODUÇÃO DE ALGODÃO NESTA SAFRA 2022/23?

JÚLIO CÉZAR BUSATO: Mesmo tendo sido plantada num momento de custos nos patamares mais altos da história, os produtores mantiveram a área em torno de 1,65 milhão de hectares. Em comparação à safra 2021/22, houve uma expansão da cultura tanto em Mato Grosso, maior estado produtor, com 1,3 milhão de hectares (+10,39%), quanto na Bahia, o segundo maior, com 312 mil hectares (+1,80%). A colheita deverá ultrapassar 3 milhões de toneladas da fibra. Nos últimos anos, essa a marca foi batida apenas no ciclo 2019/20. Ainda é muito cedo para prever uma estimativa assertiva. As condições climáticas serão fatores definitivos para a confirmação.

Por causa do atraso na colheita de soja, a conclusão do plantio de algodão atrasou, tendo chegado perto do limite da janela permitida. Há dependência da produtividade para compensar uma safra plantada com custos altos e ter uma rentabilidade satisfatória. A elevação nos preços dos fertilizantes chegou a ser até quatro vezes mais alta do que o valor que vinha sendo pago. Sem esse insumo, não se forma a lavoura. Diante de um quadro que não era dos mais favoráveis, o produtor, comprometido, deu um importante recado para o mercado com pequeno acréscimo na área plantada.

FICOU DENTRO DO PROGRAMADO O DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES?

JCB: No calendário de exportação da safra 2022/23, já no acumulado de sete meses – de agosto de 2022 a fevereiro último –, as exportações bateram em 1.119,2 mil toneladas, enquanto a receita chegou a US$ 2,22 bilhões. Apesar da queda de volume, a arrecadação superou em 3,1% a do mesmo período do ciclo anterior. Há muita colheita para exportar. Na primeira vez em que colheu mais de 3 milhões de toneladas, na


ABAPA.COM.BR

safra 2019/20, a logística para fazer o produto chegar ao mercado gerava preocupação proporcional ao tamanho da produção. Desta vez, contamos com a experiência como referência positiva.

Com trabalho planejado em conjunto, envolvendo governos, portos, armadores, entre outros, espera-se superar os gargalos relacionados à infraestrutura e trazer mais previsibilidade para a organização do fluxo de exportação. Os recordes de embarques foram batidos naquele momento. Há capacidade para fazer o produto chegar ao destino. Isso traz segurança para o mercado internacional. Antecipadas, as empresas precisam programar as misturas das fibras nas fábricas. Parceira da Abrapa, a expectativa da Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (ANEA) é de embarcar cerca de 1,71 milhão de toneladas em 2022/23.

RECÉM-CRIADA, A ENTIDADE [A ABRAPA] JÁ TINHA EM MENTE A IMPORTÂNCIA DA QUALIDADE, DA SUSTENTABILIDADE, DA PROMOÇÃO E DA RASTREABILIDADE.

COMO AVANÇA A RASTREABILIDADE NA CADEIA PRODUTIVA DE ALGODÃO?

JCB: Como parte dos quatro compromissos fundamentais da Abrapa, a qualidade, a sustentabilidade, a promoção e a rastreabilidade integram o Sistema Abrapa de Identificação (SAI), instituído em 2004 e inspirado no modelo americano. Recém-criada, a entidade já tinha em mente a importância desse conjunto. No início, as etiquetas dos fardos traziam apenas o número e a identificação da beneficiadora. Com a adoção do padrão de classificação internacional, o SAI incorporou os dados de classificação aferidos pelas máquinas High Volume Instruments (HVI), além de certificações como o programa Algodão Brasileiro Responsável (ABR) e o licenciamento da Better Cotton Initiative (BCI).

Em 2011, a partir da parceria com a GS1 Brasil, organização oficial responsável por fornecer códigos de barras (EAN/UPC) no mundo, montou-se o código dos fardos do algodão brasileiro. São vinte algarismos, dispostos em uma ordem preestabelecida, em que se tem a informação se a algodoeira é matriz ou filial, a identificação da prensa, o número do fardo, a sequência de nove dígitos que é o próprio GS1 e que identifica a algodoeira, dígito verificador etc. Assim, a Abrapa preparou-se para fornecer as informações do ABR para as Unidades de Beneficiamento de Algodão (UBA).

ESSE CONCEITO É BEM AMPLO?

JCB: Nada deixa mais claro o conceito de rastreabilidade da Abrapa do que o projeto SouABR, implantado em 2021, em parceria com a varejista de roupas masculinas Reserva. Depois, em 2022, com a maior loja de departamentos nacional, a Renner, foi criada uma coleção feminina. Primeira ação de rastreabilidade por *blockchain* da indústria têxtil nacional, o SouABR é a materialização do sonho de ver a cadeia produtiva rastreada "da semente ao guarda-roupa".

Tudo foi juntado no programa de promoção da fibra no mercado interno, com o movimento Sou de Algodão e o programa ABR. Assim, saímos pioneiros no mundo. O consumidor, na loja, com o próprio celular, abre o QR *code* e acessa tudo sobre aquela peça: a localização exata da fazenda, a foto do produtor e da unidade produtiva, onde foi beneficiado e feito o tecido, quem confeccionou e outras informações. Isso está em linha com a agenda mundial, com muitas outras marcas se habilitando a participar.

HÁ UMA PERCEPÇÃO DOS CLIENTES QUANTO AOS RESULTADOS DOS INVESTIMENTOS EM QUALIDADE?

JCB: Quando se fala em clientes para os cotonicultores, cabe lembrar que não se trata de pessoas, mas de empresas. São elos a jusante da cadeia produtiva, como as fiações, as malharias e as tecelagens e seus clientes, mais os *traders*, os corretores etc. Considerada uma das mais organizadas, profissionais e representativas cadeias produtivas do agro brasileiro, a de algodão investiu em projetos coletivos, com a conquista de resultados impossíveis para o produtor realizar – individualmente. Houve um grande salto de qualidade. Equiparamo-nos ao produto australiano, que é um dos melhores e planta 100% sob irrigação (enquanto nós estamos em regime de sequeiro).

Esse reconhecimento qualitativo repercute na valorização do produto aos olhos do mercado. O programa Standard Brasil HVI padronizou a análise da fibra no País. Internacionalmente, houve o reconhecimento pelo ICA Bremen, instituição de referência na certificação de algodão que integra um seleto grupo mundial de apenas onze laboratórios. Tudo isso influencia a percepção do cliente. O próximo passo envolve a certificação oficial, chancelada pelo Ministério da Agricultura, com trabalho conjunto. Quando estiver implantada e aceita por mercados, como o chinês, um passo gigantesco terá sido dado para assegurar qualidade à análise do algodão brasileiro.

AS MISSÕES INTERNACIONAIS DO PROGRAMA COTTON BRAZIL ESTÃO SENDO CUMPRIDAS?

JCB: Sim. As agendas estiveram muito intensas com o fim das medidas restritivas da pandemia de COVID-19. Chamamos de "Missões Vendedores" quando os produtores do Brasil vão ao mercado no exterior, nas programações de feiras, nas rodadas de negócios, nas visitas às indústrias, nas reuniões e nos eventos tradicionais da cotonicultura mundial. Em fevereiro último, houve um evento com industriais paquistaneses em

"ESSE RECONHECIMENTO QUALITATIVO REPERCUTE NA VALORIZAÇÃO DO PRODUTO AOS OLHOS DO MERCADO."

> **“SEM SUBSÍDIO E SEGURO AGRÍCOLA PARA AMENIZAR AS PERDAS, VALE A PENA SEGUIR UNIDO E ORGANIZADO.”**

Dubai (nos Emirados Árabes Unidos), durante a Expo 2020. Em seguida, o grupo partiu para a Turquia, onde houve mais dois eventos.

Em abril de 2022, o Cotton Brazil participou, de forma remota, do China National Cotton Exchange (CNCE), maior evento da cadeia de algodão da China, com público estimado em 45 mil empresários, produtores e técnicos. Em junho, a “Missão Vendedores” foi realizada. Dessa vez, três países foram visitados por produtores e exportadores brasileiros: Indonésia, Tailândia e Bangladesh. Ainda em junho, houve a Conferência Mundial da BCI, realizada na Suíça, onde foram apresentados os indicadores atestando a responsabilidade na cotonicultura brasileira.

E O SEGUNDO SEMESTRE?

JCB: No final de julho, foi recebida uma comitiva formada por representantes de indústrias de Bangladesh, Coreia do Sul, Paquistão, Turquia, Vietnã e México. Na chamada “Missão Compradores”, a agenda incluiu uma visita a fazendas e beneficiadoras em Mato Grosso, Bahia e Goiás e ao Centro Brasileiro de Referência em Análise de Algodão (CBRA), em Brasília.

Em setembro, houve a palestra em Davos (Suíça) sobre sustentabilidade para a Conferência Anual da International Textile Manufacturers Federation (ITMF) – organização que reúne indústrias têxteis de todo o mundo. Em novembro, um grupo de produtores e exportadores brasileiros participou, em Las Vegas (EUA), do evento comercial tradicional da International Cotton Association (ICA) – que, além de ser a associação mundial de comércio da fibra, é também um órgão arbitral.

Na quarta missão internacional ocorrida de 20 a 30 de novembro último, a comitiva brasileira de 120 pessoas esteve no Vietnã e na Indonésia, com a realização do Cotton Brazil Outlook, além de várias visitas técnicas a fiações e reuniões entre cotonicultores brasileiros e industriais vietnamitas e indonésios.

Para finalizar o ano, a Abrapa, a Embaixada do Brasil em Singapura e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) realizaram o Agritalks Brasil-Singapura. O evento focou em inovação, sustentabilidade e segurança na agricultura. Realizada pela primeira vez, a conferência teve como público-alvo executivos e grandes empresários do setor financeiro e do agro mundiais e contou com a participação de quase duzentas pessoas.

CHEGAREMOS A 2030 NA POSIÇÃO DE MAIOR EXPORTADOR MUNDIAL?

JCB: O prazo pode ser muito antes disso! Os Estados Unidos, número 1 do *ranking*, enfrentam problemas. Primeiro, pela possibilidade limitada de expansão na cotonicultura, no que tange a terras disponíveis. Segundo, pela dependência do clima. No Texas, onde está concentrada a maioria das lavouras americanas, a situação é complicada com a falta de chuva. É impressionante o abandono de áreas, porque não compensa colher. O caminho do Brasil rumo ao topo não ocorre por questões ligadas às ofertas de recursos naturais, como terra e água, pois o trabalho desenvolvido segue a pauta orientada por tecnologia e profissionalismo.

A produtividade do algodão brasileiro chega a ser três vezes superior à dos americanos. Isso faz toda a diferença. No passado, plantávamos 4 milhões de hectares para colher 1 milhão de toneladas de pluma. Com eficiência técnica, estamos produzindo mais com menos terra. É o retrato de um intenso investimento e trabalho bem-feito. Os produtores nacionais precisam ser produtivos, porque ninguém pagará o prejuízo se não formos competentes. Sem subsídio e seguro agrícola para amenizar as perdas, vale a pena seguir unido e organizado.

COMO ALINHAR A GESTÃO DA ABRAPA COM AS MUDANÇAS DE PRESIDENTE?

JCB: A Abrapa trabalha pelo desenvolvimento da cotonicultura no Brasil. Esta gera emprego e renda, além das preciosas divisas. Por ser uma entidade apartidária, estreitos canais de comunicação são mantidos no relacionamento com o governo federal. Prova disso é o programa Cotton Brazil, que faz parte do compromisso de promover a fibra no mercado externo, desenvolvido em parceria com a ApexBrasil e a ANEA. Conjuntamente, abriu-se um escritório de representação em Singapura, ponto estratégico para a intensificar a presença no mercado asiático.

A cada novo governo, a entidade reúne-se com os mandatários das pastas e o chefe do Executivo para expor a situação e explicar o *modus operandi* de atuação. São apresentados os programas estratégicos e as soluções desenvolvidas para superar gargalos e, é claro, apresentar as demandas existentes. Nesses mais de vinte anos, jamais houve qualquer tipo de empecilho ou portas fechadas da parte do Governo. Agora mesmo, o presidente da Abrapa, Alexandre Schenkel, fará parte da comitiva presidencial para a China. Isso diz bastante sobre a importância recíproca entre a cotonicultura e o Governo. ■